



Construção narrativa em reportagens multimídia no jornalismo visual contemporâneo: uma análise da categoria Digital Storytelling do World Press Photo

Gabriel Freitas¹
Greice Schneider²

Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este artigo buscou analisar a construção da narratividade no jornalismo visual contemporâneo, ao que compete os recursos multimidiáticos e edições fotográficas, tomando como recorte a reportagem *A Short History of The Highrise* (2013), publicada pelo The New York Times, vencedora da categoria *Digital Storytelling Contest* em primeiro lugar pelo World Press Photo no ano de 2014. O estudo do corpus aborda um debate acerca das novas tendências ao qual o jornalismo visual contemporâneo está imerso a partir da análise de critérios como uso de fotografias de arquivo, a justaposição de imagens e a interação com o leitor.

Palavras-chave: Jornalismo contemporâneo. World Press Photo. Reportagem multimídia. Fotojornalismo.

1. Introdução

O modo de se fazer jornalismo, considerando o avanço das estruturas narrativas ancoradas aos recursos visuais (fotografia, vídeos, etc) está passando por um processo de emergência que se contrapõe a decadência da fotografia única. Refletir sobre as

¹ Estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe - UFS; Bacharel graduado em Direito pela Faculdade Sergipana - FASER (2017); Membro do Grupo de Pesquisas Laboratório de Análise e Visualidades, Narrativas e Tecnologias. E-mail: freitasgabrielc@gmail.com

² Orientadora do trabalho, professora da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: greices@gmail.com

rupturas que esse processo impõe é confrontar as próprias práticas inovadoras, como também enxergar que o fotojornalismo se constrói em meio a esse binômio, uma tensão existente entre inovar e abandonar práticas (JÚNIOR, 2012). Partindo dessa perspectiva, a presente análise buscou examinar os recursos utilizados nas reportagens multimídias, a partir de um olhar pautado sobre os questionamentos acerca da abordagem narrativa e multimodal, bem como a hierarquia de informação de suas imagens, elencando seus pontos de convergência.

Tendo em vista as produções jornalísticas e visuais, entre os anos de 2011 a 2018 da categoria *Digital Storytelling Contest*, da plataforma do World Press Photo, foram analisadas 72 (setenta e duas) reportagens multimídia premiadas pela organização. Dentre elas, “*A Short History of The Highrise*” (2014), objeto escolhido para análise por ser um documentário interativo, que utiliza a fotografia de arquivo como material principal da reportagem agregando elementos de interação, revelando novos sentidos e percepções à narrativa multimídia.

Abre-se aqui um espaço para discutir critérios referentes à estrutura narrativa da reportagem e seu contexto, a fim de compreender a libertação da fotografia de seu marco do testemunho e registro do atual e os novos usos do meio como uma camada de informação/articulação na construção de histórias complexas. Por se tratar da fotografia no ambiente digital, buscou-se revelar e identificar prováveis tendências e remodelações que o jornalismo contemporâneo está sendo guiado, tendo como ponto chave a interação e participação do leitor.

Ao adotar critérios de análise que giraram em torno das edições fotográficas, construção da narrativa, convergência com demais elementos e participação do leitor, contemplou-se o método de abordagem quantitativo e qualitativo, com finalidade exploratória e descritiva, se ancorando na bibliografia e no estudo de caso.

2. Construção da narrativa multimídia - Digital Storytelling

A fim de construir um panorama inicial mais amplo, foram analisadas setenta e duas (72) reportagens premiadas no *World Press Photo* até o terceiro lugar da categoria *Digital Storytelling Contest*, de 2011 a 2018, divididas em diversos temas, sendo eles:

Interactive Productions (2011); Linear Productions (2011); Mini-Documentary (2012); Online Short (2013); Online Feature (2013); Interactive Documentary (2013/2014); Short Feature (2014/2015); Long Feature (2014/2015); Short Form (2016/2017/2018); Long Form (2016/2017/2018); Innovative Storytelling (2016/2017/2018) e Immersive Storytelling (2016/2017/2018).

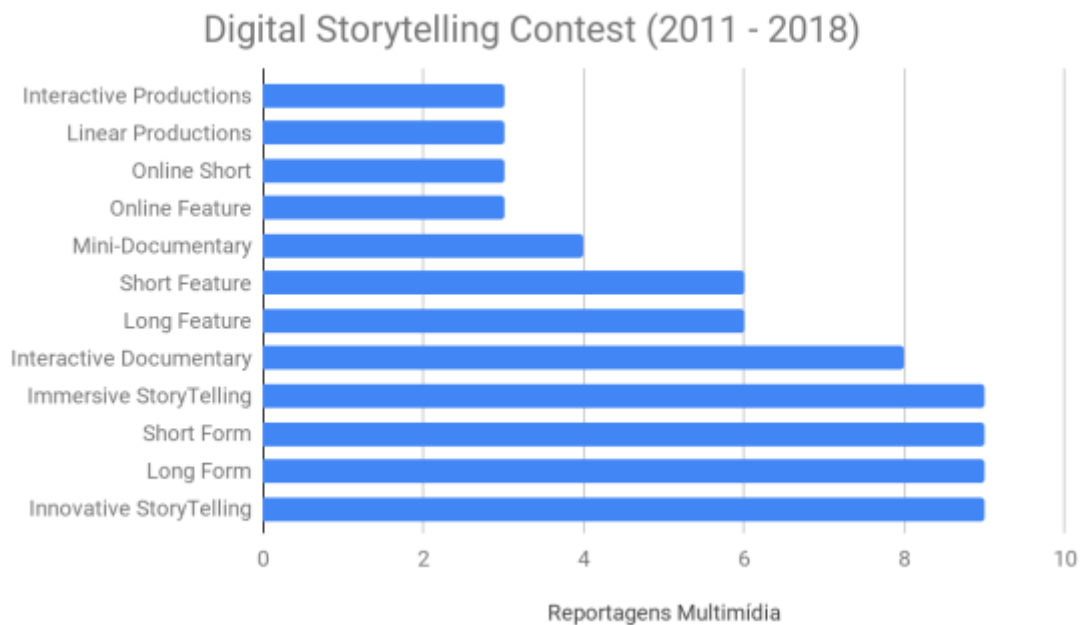


Tabela 1

O gráfico aponta que a produção de documentários interativos, bem como reportagens longas e imersivas representam quase o triplo quando comparadas às produções lineares ou de forma curta. Essa diferença se deu principalmente após as mudanças que o concurso realizou dentro da plataforma³.

A partir do ano de 2013 categorias como: Documentário Interativo, “Forma Longa” e Storytelling Imersivo/Inovador foram inseridas. Seja por coincidência ou não, em dezembro de 2012 a reportagem *Snow Fall* do The New York Times foi considerada um marco e modelo de *longform*. Para Sodermann (2012), *Snow Fall* é um passo à frente, tanto nos aspectos visuais, quanto na narrativa coerente. E a união do conjunto

³ Ainda que previamente examinadas, das setenta e duas (72) reportagens, dez (10) delas não estavam mais disponíveis, nem no portal do World Press Photo, nem nas suas respectivas páginas/sites, restando apenas sessenta e duas (62) reportagens para análise. Com isso, foi possível observar na evolução da categoria estudada, que alguns temas foram modificados e/ou substituídos. Já nos últimos três anos, os temas se mantiveram consistentes.

de elementos e características da construção narrativa ao ambiente digital, abriu espaço para que jornais do mundo inteiro experimentassem os limites dessas narrativas. “Além de ter inovado na estrutura do fluxo narrativo e na integração das várias modalidades comunicativas que compõem a história contada, a reportagem fez cair por terra a premissa de que os leitores não lêem notícias, artigos ou reportagens longas no ambiente digital” (BACCIN, 2017. p. 93).

Ao tomar por base as novas construções narrativas presentes nas reportagens multimídia, buscou-se analisar os recursos de convergência e a importância de cada um deles frente a interação com as fotografias. Alguns elementos como: narração, ancoragem de sons e os mecanismos de interação com o leitor, foram pressupostos para avaliar o modo que a estrutura narrativa vem sendo desenvolvida.

Ao perceber que os recursos acima citados foram utilizados em pelo menos 90% das reportagens analisadas, nos deparamos com indícios de um certo modelo/padrão desenvolvido pelo jornalismo contemporâneo.

Porém, apesar de promissor analisar esses recursos, buscamos aqui como proposta de análise, se debruçar nas articulações que a fotografia está se moldando e se reconfigurando ao partir da perspectiva de convergência e interação. A reportagem “*A Short History of The Highrise*” aflorou um outro olhar, para além dos recursos já mencionados, no qual veremos mais adiante.

A importância da convergência entre a fotografia e demais elementos se faz presente e ajuda na compreensão das imagens para além da forma estática, pois estes recursos, sejam visuais ou sonoros desenvolvem uma nova percepção de sentido ao conteúdo.

Leva-se em consideração também a prática fotojornalística que se apresenta de um modo inovador, exigindo do fotógrafo a realização de novas funções dentro de uma mesma reportagem, e isso talvez reflita em uma nova maneira de construir as narrativas jornalísticas, o videojornalismo⁴ é exemplo disso.

⁴ O conceito de videojornalismo ainda vem sendo trabalhado por pesquisadores da área (SILVA, 2005; BRASIL s/d), no entanto, a nível de comparação e esclarecimento, as definições de vídeoreportagem apontam de maneira mais direta a ideia do que representa o videojornalismo.

Para Silva (2010) a vídeoreportagem é o resultado da hibridização entre o documentário e telejornalismo, e apesar de diferentes, possuem conceitos em aberto que se tangenciam.

Há, tecnicamente, variadas definições para a videoreportagem. Inspirada nos trabalhos pioneiros, na primeira fase a definição se associa ao caráter autoral e experimental, enfatizando a ausência de edição, a captação de imagens em plano sequência e a narração no local do acontecimento. Na segunda fase, privilegia-se multifuncionalidade como estratégia de afirmação da autoria, a afirmação do profissionalismo e da qualidade da videoreportagem e uma aproximação com o modo de composição formal de reportagem. (SILVA, 2010, p.72).

Fraga (2013) defende em seu conceito de vídeoreportagem que o elemento característico principal é do repórter ir à rua sozinho e gerar o máximo de espontaneidade nas interações e o mínimo de interferências. Mesmo se houver uma pré-produção ou pós-produção, a característica principal do vídeorepórter nas ruas é o que torna as situações mais fluidas e naturais.

Então, como as práticas do jornalismo digital vêm sendo aprimoradas cada vez mais, como cita Manovich (2001) “falar do agora, envelhece muito rápido”, a todo tempo os portais jornalísticos precisam se reinventar de modo a não dar brecha para a escassez dos conteúdos informativos e de seus próprios portais.

“*A Short History of The Highrise*” se preocupou em modificar o modo de visualizar as imagens, ainda que se utilizando na maior parte do tempo de imagens de arquivo, conseguiu envolver o leitor através de várias formas de interação, sendo ele peça fundamental na construção narrativa, podendo interferir na inserção e/ou retirada de elementos, que juntos dão um novo sentido a narrativa.

3. Análise - A Short History of The Highrise

3.1 Imagens de arquivo

Em 2014 o *The New York Times* publicava em sua página o documentário que levaria o 1º (primeiro) lugar, de três colocações, na categoria *Interactive Documentary* pelo *World Press Photo*. Dirigido e roteirizado por Katarina Cizek, *A Short History of The Highrise* - “Uma curta história de arranha-céu” tradução literal, dividida em 4 (quatro) etapas explora os mais variados recursos de interação com o leitor.

A começar na primeira parte *Mud*, que apresenta no contexto da narrativa jornalística “como tudo começou”, o modo como as construções e arquitetura prediais foram criadas e desenvolvidas ao longo do tempo, ancorando-se nos recursos sonoros - nesse caso, a oralidade do discurso se faz presente durante toda reportagem, e é proferido de forma poética, numa espécie de “era uma vez”, remetendo-o à influência do jornalismo literário surgido e fortemente utilizado nos séc. XVIII e XIX (MARTINEZ, 2017).

Para além disso, e dando um foco maior aos recursos visuais, a reportagem apresenta de imediato (figura 1) uma pilha de fotografias de arquivo escaneadas em preto e branco, com marcas de registros, no qual, desperta um sentido de algo a ser contado/revelado.



Figura 1: Fotografia em destaque do Central Park, Nova York à esquerda. Figura 2: Dados e informações referente a figura 1, à direita.

A disposição das imagens documentais unidas à possibilidade de interação por parte do leitor, através da inserção ou retirada de elementos visuais, nos revelam dois pontos: o primeiro diz respeito ao processo de produção, no qual uma fotografia de matriz documental indica claramente através dos seus signos, seja pelas datas, carimbos etc, indícios de autenticidade (figura 2).

Para a diplomática, os procedimentos de criação dos documentos são responsáveis pela atribuição das especificidades que fazem com que o documento seja, ao mesmo tempo, autêntico e fidedigno. Podemos estender essa ideia às fotografias, se considerarmos esses procedimentos de criação mais práticas documentais a partir das quais foram gerados determinados tipos de documento fotográfico num determinado universo de produção documental, e não tanto requisitos formais a partir dos quais o documento se ‘autentica’ (LACERDA, 2012. p. 294).

3.2 Revelando novos sentidos e informações através da interação

Ao partir para um outro aspecto, na nova conjuntura do jornalismo contemporâneo, a participação e interação do leitor é primordial. Assim, as narrativas

jornalísticas hipermídia *longform* são contextualizadas e apresentam características que precisam estar interligadas para que essa interação ocorra, a ponto de proporcionar uma “autêntica experiência” para o leitor (BACCIN, 2017).

Dito isso, o segundo ponto a ser levado em consideração é a estruturação da narrativa através da justaposição das imagens. O fato do leitor interagir com as fotografias presentes no documentário, adicionando ou retirando elementos abre espaço para esse processo de revelar uma nova informação. Vide exemplo:



Figura 3, 4 e 5: Moscow e Londres no mesmo período de ascensão da arquitetura das grandes edificações.

Apesar do percurso da narrativa seguir uma linha, em sua maior parte, pré-definida e sequenciada, a liberdade do leitor está, muitas vezes, no ritmo, na velocidade, na duração de leitura. No entanto, os recursos utilizados se apresentam de modo a impulsionar a participação do leitor, como por exemplo, a seleção de determinados agentes presentes no cenário da imagem através de links conjuntivos ou ícones estendendo-se para um novo cenário.

Para Geertz (1989, p. 26) a intrajabilidade da “linha entre o modo de representação e o conteúdo substantivo” da imagem, que faz ressaltar o esquema díplico, possibilitando colocar uma foto dentro da outra, como mostrado no exemplo acima (imagens 3, 4 e 5).

Essa coexistência de imagens de origens e estilos diferentes abre a possibilidade de definir a relevância entre dois ou mais sentidos, sentimentos e/ou informação. Nesse processo de justaposição, no qual as fotos são dispostas em camadas, uma por cima da outra revela-se novos sentidos. A montagem dialética ou intelectual, abordada por Eisenstein (1942) consiste na junção de duas imagens para formar um novo significado implícito a ser interpretado.

Nos exemplos a seguir é possível identificar esses dois aspectos que figuram a modulação fotográfica para as novas práticas jornalísticas. A começar pela interação do

leitor para com a fotografia, no qual é possível manipular os elementos presentes, adicionando-os ou retirando. Somado a isso, a justaposição de camadas, revelando assim novos elementos informativos.

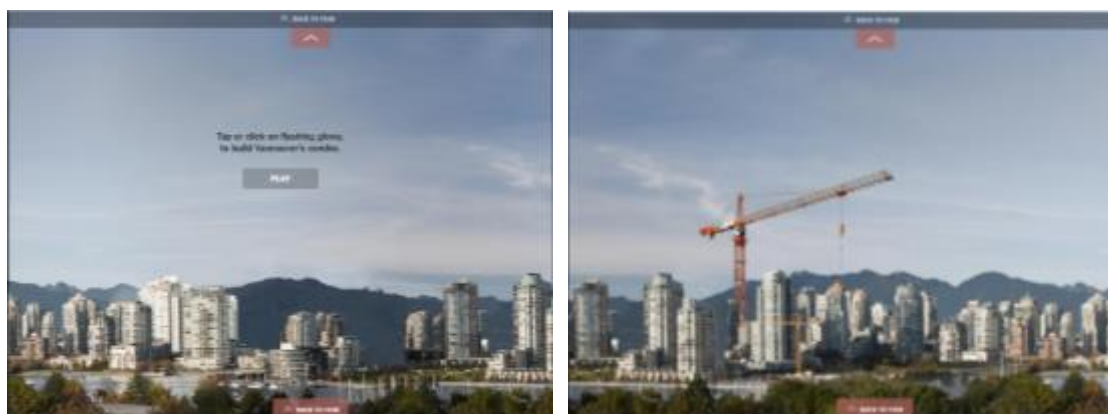


Figura 6 e 7: Jogo interativo que permite o leitor construir condomínios em determinada área de Vancouver.

3.3 Sequencialidade multimídia

Embora que de forma presumida, há uma certa autonomia por parte do leitor para construção da sua própria narrativa. Barthes (1976) aponta que o prosseguimento de uma narrativa não é apenas a continuação de um vetor linear de leitura, mas sobretudo a integração dos vários enunciados que compõem em diferentes níveis hierárquicos cada vez mais complexos. Entende-se assim, que a percepção das narrativas podem variar e modificar sua estrutura, desse modo, proliferam-se e ramifica-se a ponto de encontrar o seu modo regular, mas não se fixa na primeira forma.

A ideia de sequencialidade dentro da narrativa instiga o leitor à necessidade de ultrapassar aquilo que está disposto a primeira instância, concebendo uma organização hierárquica dos mais variados níveis e funções, unindo-se as estruturas subsequentes e formando sua articulação, bem como as interações mais complexas.

A possibilidade de uma maior participação do leitor faz parte da comunicação hipermediática associada à hipernarrativa abordada por Manovich (2001). Entende-se por hipernarrativa a analogia ao termo hipertexto somada a multimidialidade, na qual a construção acontece mediante intervenção do leitor capaz de dialogar com a sequência da narrativa e desenvolver sua linearidade particular numa estrutura multilinear.

Em consonância a esse pensamento, o prosseguimento de uma narrativa não é apenas a continuação de um vetor linear de leitura, mas sobretudo a integração dos vários enunciados que compõem em diferentes níveis hierárquicos cada vez mais complexos Barthes (1976). Logo, compreendemos que a percepção das narrativas pode variar e modificar sua estrutura, se proliferando e ramificando a ponto de encontrar o seu modo regular, mas não estando fixa na primeira forma.

A ideia de sequencialidade dentro da narrativa, instiga o leitor à necessidade de ultrapassar aquilo que está disposto a primeira instância, concebendo uma organização hierárquica dos mais variados níveis e funções, unindo-se as estruturas subsequentes e formando sua articulação, bem como as interações mais complexas.

3.4 A Fotografia convergente

A linguagem fotográfica contemporânea assume outras formas em diferentes modalidades da narrativa, na qual, ela deixa de ser estática e um mero instrumento testemunhal, como afirma Salaverría:

[...] panorâmicas de 360, megafotografias, carrosséis, fotografias de geolocalização com efeitos de navegação especial e de zoom de alta definição, etc. Todas estas variantes da fotografia são modalidades que um comunicador pode aproveitar para compor conteúdos multimédia (SALAVERRÍA, 2008, p.34)

O exemplo abaixo trata de uma fotografia de arquivo, estática, mas que apresenta movimento num jogo de foco e desfoco. Ao compreender o contexto da reportagem, fica fácil identificar que o objeto principal não se trata da estátua ao centro, mas sim do prédio que figura toda imagem ao fundo.



Figura 8 e 9: Foco e desfoco do objeto principal em uma foto de arquivo.

Por refletir uma realidade ampliada, a fotografia pode ser definida como uma forma de comunicação e expressão. Ao entender a fotografia é possível pensar a

imagem atrelada às percepções do real e do imaginário (BUITONI, 2011). Essas percepções variam de acordo com os elementos subjetivos, sociais e da memória de cada indivíduo, expandindo para as diversas possibilidades e experiências visuais.



Figura 10 e 11: Imagem estática de arquivo em movimento.

O discurso apresentado nas sequências de imagens e fotografias, no objeto de estudo, passam por um processo de decupagem em uma, duas ou mais camadas, no qual se revela ao final. Para Catalá (2005), a imagem complexa rompe o vínculo mimético que a imagem mantinha tradicionalmente com a realidade, substituindo-o por um vínculo hermenêutico: no lugar de uma epistemologia do reflexo, se propõe uma epistemologia da indagação. Isso não significa que a imagem, seja um simples instrumento construtor do real; indica que o real para ser significativo deve ser posto a descoberto e que a visualização complexa é um caminho efetivo para fazê-lo. “A utilização da imagem como uma forma de expressar emoção, ou seja, o lado subjetivo da informação nos ajuda a humanizar o jornalismo, na medida que essa comunicação apresenta não apenas dados concretos, mas também a complexidade daquilo que é reportado.” (ROVIDA, 2009, p. 09).

A visualização complexa poderá se atribuir da ancoragem de outros elementos, sejam elas visuais e/ou sonoros. No caso da reportagem, estão presentes ambos aspectos. A presença de sons dramáticos e sons ambientes estão dispostos além da narrativa, e mesmo assim fazem parte da construção e exibição do conteúdo.

O uso desses sons - em média 5 (cinco) segundos, sendo reproduzidos juntamente com a fotografia, na maioria das vezes contribui na imposição de duração da imagem fixa, além de revelar uma aproximação maior da realidade, pois apresenta uma experiência muito mais autêntica, não se resumindo a mera compreensão da fotografia estática.



Figura 6: Demolição predial.

O exemplo acima apresenta duas camadas de imagens: a primeira com o prédio ainda erguido e a segunda com o prédio já demolido. No entanto, além dessas camadas, os efeitos visuais se fazem presentes através da fumaça em movimento por cima da foto estática, juntamente com os sons que se assemelham a uma demolição de verdade. As características presentes nos novos produtos ampliam o uso da multimídia (BARBOSA; NOGUEIRA; e SILVA, 2013)

Esta aposta em destacar o aspecto visual e a maneira de utilizar as galerias de fotos, os sons e os vídeos curtos apontam para uma mudança de rumo na roteirização das narrativas que pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem jornalística em mídias digitais (BARBOSA; NOGUEIRA; SILVA, 2013, p. 257).

A quarta parte do documentário intitulada *Home - Lar*, apresenta de forma sequencial, dividida por diversas categorias/temas, imagens pessoais de dentro e fora dos grandes prédios produzidas por moradores/leitores do *The New York Times*. A participação do público implica na abordagem interativa, e essa interação permite que o consumidor de imagens, se converta em produtor (JUNIOR, 2014).

Apesar das fotografias e imagens presentes no documentário apresentarem uma característica temporal de caráter cronológico - passado e presente; nota-se algumas redundâncias no que tange à reprodução das fotografias.



Figura 7: Condições precárias de moradia protagonizada por famílias carentes (déc.70)



Figura 8 e 9: Mesmo cenário da figura 7, porém nos dias atuais.

As imagens acima revelam um certo padrão presente na fotografia - foto posada, em ângulo aberto para poder registrar todo cenário em torno do personagem; apesar da primeira fotografia (figura 7) ter sido tirada em 1970. As demais fotografias (figura 8 e 9) atreladas ao contexto da narrativa, revelam o atual cenário e apresentam um caráter de denúncia,

Essa iteração visual de enquadramento e tema, instiga à comparação. No entanto, por se tratar de uma reportagem que aponta a precarização de algumas construções e as condições desumanas de moradia, temos uma recorrência, tanto no contexto fotográfico quanto no contexto social, as histórias se repetem.

4. Considerações finais

O estudo apresentado buscou abordar as práticas multimidiáticas inseridas no jornalismo contemporâneo. A concepção da narrativa partindo da análise de sequencialidade e hierarquia das informações, permitiu o desmembramento da produção documental, trazendo novos aspectos de discussão para o campo jornalístico.

O poder da interação e participação em relação ao leitor e produtor de conteúdos permite maior proximidade dos mesmos, e isso só é possível graças ao constante crescimento do mundo digital. E apesar das mudanças evolutivas do cenário jornalístico, ele ainda cumpre seu papel social de denúncia e investigação.

Além disso, fica evidente a quebra de paradigmas ao qual as articulações adotadas para convergir com o novo jornalismo desafia as formas convencionais de se fazer o próprio jornalismo. Agora com as grandes produções multimídia, o anseio pelo diferencial e inovador se tornou parte das rotinas de produção, ao qual incentiva e induz de maneira muito mais ativa a participação dos seus leitores.

Assim, é válido ressaltar que, apesar da fotografia vista como mero elemento testemunhal e estático não mais predominar as narrativas jornalísticas, ela está sendo inserida e trabalhada de uma nova maneira, gerando novos sentidos e significados. E para isso, a convergência e integração de outros elementos - sejam eles visuais, sonoros, textuais etc, contribuem para a construção da narrativa participativa. Por isso, ao analisar o corpus foi possível identificar que as práticas que envolvem a fotografia dentro do ambiente jornalístico contemporâneo e multimodal são mutáveis e precisam ser remodeladas a ponto de abarcar e inserir o leitor nessa emergente demanda.

Referências

BACCIN, Alciane. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 14 Nº 1. jan./jun. 2017.

BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. Editora Vozes Limitadas. 4ª Ed. 1976.

BRASIL, Antonio (s/d). **Novos caminhos nas experiências online**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da110720012.htm>> Acesso em: Mar./Abr. 2019.

BUITONI, Dulcélia. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. Editora Saraiva, 2011.

BARBOSA, NOGUEIRA & SILVA, Suzana, Fernando F. e Leila. **Análise Da Convergência De Conteúdos Em Produtos Jornalísticos Com Presença Multiplataforma**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Artigos Seção Livre, Número 2. 139-162. Junho/2013.

CATALÀ, Josep M. **La Imagen compleja: la fenomenologia de las imágenes en la era de la cultura visual**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 2005.

CIZEK, Katarina. **A Short Story of Highrise**. The New York Times. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2013/high-rise/index.html>> Acesso em: Mar. / Abr. 2019.

EISENSTEIN, Sergei. **The Film Sense**. Harcourt Brace and Company, 1942.

FRAGA, Daniel Grachten. **Linguagem em videorreportagem: o hibridismo do programa Passagem Para....** 2013. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GEERTZ, Clifford. **Works and Lives: The Anthropologist as Author**. Polity Press, 1989

JUNIOR, José Afonso da Silva, **Da fotografia expandida à fotografia desprendida: como a crise da Kodak pode explicar a emergência do Instagram ou vice-versa**. Líbero – São Paulo – v. 17, n. 33, p. 117-126, jan./jun. de 2014.

JUNIOR, José Afonso da Silva, **Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência**. discursos fotográficos, Londrina, v.8, n.12, p.31-52. jan./jun. 2012.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, p.283-302.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017

MANOVICH, Lev. **Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições**. In: Lucia Leão (org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, 2005. pp. 24-50.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de., **O documentário como gênero audiovisual**. Comun. Inf., v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. de 2002.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto. **La convergência tecnológica em los médios de comunicación:** retos para el periodismo. Trípodis, número 23, Barcelona, 2008.

SANTOS, Camila Buzinaro dos. **A moradia como direito fundamental.** In: Ambito Jurídico, Rio Grande, XVI, n. 116, set 2013. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13677> Acesso em Maio/2019.

SILVA, Karina de Araújo. **Videoreportagem em três estilos:** análise de um subgênero em formação. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8298>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SOUZA, Gustavo. **Fronteiras (in)definidas:** aproximações e divergências entre documentário e jornalismo Doc On-line, n.06, Agosto 2009, www.doc.ubi.pt, pp. 158-172.